



# Teologia Brasileira

Nº 79 | 2020 ISSN 2238-0388

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova	2
Editorial	3
O que os sul-coreanos querem que você saiba sobre o Coronavírus <i>Steve Chang e Sarah Eekhoff Zylstra</i>	4
As citações de Isaías em Romanos 9-11: um teste para as técnicas hermenêuticas Paulinas <i>Carlos Osvaldo Pinto</i>	8
A correta distinção entre a lei e o evangelho <i>Thiago Rafael Vieira</i>	23
Helenismo e cristianismo <i>Jean Brun</i>	32
Últimos lançamentos	43

# Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

## Corpo editorial

Editor responsável:

Franklin Ferreira

Coordenador de produção:

Sérgio Siqueira Moura

Revisão:

Josiane de Almeida e Jonathan Silveira

Contato:

[teologiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)



## Editorial

Nesta edição, publicamos um texto de Steve Chang e Sarah Eekhoff Zylstra, que compartilham sua experiência ministerial diante da crise epidemiológica na Coreia do Sul.

Temos também o privilégio de publicar um texto do falecido professor Carlos Osvaldo Pinto, tratando das citações de Isaías em Romanos 9-11. O objetivo é mostrar como Paulo estava bastante consciente da natureza sagrada do texto do Antigo Testamento.

Thiago Vieira, por sua vez, apresenta um texto destacando a distinção entre a lei e o evangelho, mostrando como o pecado é uma enfermidade grave e que precisamos de uma cura através do evangelho de Cristo.

Por fim, apresentamos um artigo de Jean Brun, mostrando como o cristianismo se destaca do helenismo. Diferente de ser uma mera filosofia proveniente do ambiente sociocultural e socioeconômico helenista, o cristianismo se destaca como Revelação.

No vídeo desta edição, oferecemos uma palestra de Jonas Madureira. Explicando a relação entre o Espírito e a mente, Jonas trata dos seguintes pontos: 1. Paulo e as escolas helenísticas; 2. A ira divina: razão e paixão; 3. A “mente derrotada”; 4. A “mente redimida”.



Use o QR code para assistir

# O que os sul-coreanos querem que você saiba sobre o Coronavírus

Steve Chang e Sarah Eekhoff Zylstra



Cerca de um mês após o primeiro caso de coronavírus surgir na Coreia do Sul, um homem infectado compareceu à Shincheonji Church of Jesus, uma seita com mais de 300.000 pessoas que acreditam que Jesus foi re-encarnado em seu líder. Esse homem acabou infectando milhares – na verdade, mais de 60% dos quase 8.500 casos no país foram ligados ao Shincheonji.

Mesmo que a Coreia do Sul não tenha forçado uma quarentena, a maioria das igrejas voluntariamente fechou suas portas no dia primeiro de março. Essa decisão foi emocional, já que as igrejas sul coreanas conseguiram manter seus cultos acontecendo até mesmo durante a Guerra da Coreia, disse Steve Chang, um pastor em Seoul.

O The Gospel Coalition perguntou se ele tem algum conselho às igrejas americanas. Aqui está o que ele disse:

## Planeje-se para uma nova normalidade

Pense a longo prazo, pelo menos duas vezes adiante do que você acha que precisa. A Coreia do Sul estava bem preparada, com tecnologia e infraestrutura, para estar

online. E nós passamos imediatamente. Mas a maioria de nós pensou que seria temporário. Então essa é a primeira parte do conselho – não pense que será por uma ou duas semanas. É mais provável que seja por dois meses ou mais.

Dessa forma, podemos começar a pensar qual a melhor maneira de ministrar ao nosso povo – através de meios online como vídeochamadas, reuniões em grupo, reuniões de oração e estudos bíblicos, junto dos cultos dominicais – melhor que perder tempo pensando “vamos esperar para ver”.

Então nós percebemos que algumas de nossas reuniões em grupo que planejamos adiar até que as coisas melhorassem deveriam simplesmente se tornar online.

## Procure por oportunidades de fazer mais que o normal

Nós temos a tendência de pensar em fazer menos do que faríamos normalmente no culto presencial, porque pensamos, *“por que as pessoas gostariam de assistir a um vídeo de um culto por mais de 20 a 30 minutos?”*

Há alguma verdade nisso, mas nós também nos esquecemos que elas não têm a opção de ir à igreja. Essa coisa online é tudo o que eles têm. Então por que não fazer o culto completo como costumamos fazer?

Na realidade, talvez tenhamos que fazer mais do que o habitual porque as pessoas estão isoladas e não podem sair ou se encontrar. Por exemplo, nosso pastor está postando uma oração diária por meio de vídeo no Instagram, coisa que ele normalmente não faz.

## Preste atenção no que Deus está fazendo na igreja

Nossa igreja tem enfatizado cultos domiciliares e crescimento espiritual, o que é algo que nossa mega-igreja não consegue fazer muito bem sem uma crise como essa. Todas as faixas etárias da nossa igreja normalmente se dividem em salas específicas para sua idade aos domingos. Agora, muito da entrega do ministério infantil tem que envolver os pais, o que naturalmente os encoraja a ministrar a seus próprios filhos. Nós também pedimos aos membros para que realizem culto em família enquanto estiverem acompanhando a transmissão, algo que uma grande igreja não pode fazer fisicamente.

Nós sentimos que essa é uma oportunidade de ser testemunhas de Cristo ao ajudar os mais vulneráveis. O ministério de jovens da nossa igreja está entregando comida e suprimentos aos idosos de nossa comunidade.

Um membro de nosso ministério de estudantes chineses (um estudante internacional chinês estudando em uma universidade coreana local), que se converteu em nosso ministério, decidiu coletar ofertas de seus colegas de sala chineses para enviar à cidade de Daegu [que foi a mais atingida pelo coronavírus na Coreia do Sul]. Quando ele entregou o dinheiro (cerca de \$2.000) ao presidente de sua universidade para que ele repassasse aos oficiais da cidade de Daegu, o presidente ficou tão tocado com a atitude que deu de seu próprio bolso mais \$900.

Nós estamos vendo membros mais humildes de nossa igreja dando mais do que o normal. Por exemplo, uma avó coreana quis doar suas máscaras racionadas para os nossos pastores.

Nós também pensamos que Deus está usando essa oportunidade para encorajar nossos membros ao mútuo cuidado. O pastor sênior pediu que a igreja praticasse o “113” (como o número de emergência 192 no Brasil), o que seria em 1 dia, ligue para 1 pessoa para saber como ela está e a encorajar, e ore por 3 pessoas.

## Preste atenção no que Deus está fazendo fora da Igreja

Eu, definitivamente, penso que as pessoas estão assustadas e mais abertas ao evangelho. Se você tem contato com não-cristãos dentro ou por meio da igreja, esta é uma excelente hora de ministrar a eles. Se você já não tem contato normalmente, será difícil encontrá-los. Nosso alcance no *campus* da faculdade parou completamente, por exemplo. Ainda temos que ver como isso nos levará a proclamar o evangelho de maneira mais eficaz, mas é definitivamente uma oportunidade que precisamos usar.

Na Coreia do Sul, inúmeras coisas estão acontecendo no cenário espiritual. Primeiro, como você sabe, uma bem conhecida seita estava no epicentro desse surto. Foi um choque para muitos coreanos saberem como esse grupo opera e atrai seguidores involuntários. Isso é algo que muitos líderes cristãos sabem, mas agora é público. Isso irá desacelerar a disseminação de seitas pela Coreia, que são ativas e perigosas. Por mais que eu me envergonhe daqueles que ousadamente dizem que Deus está julgando estas seitas, eu não consigo deixar de pensar que a sua misericórdia pela igreja evangélica está presente nessa crise.

Também há algumas aparas acontecendo na igreja coreana. Todas as mega-igrejas foram fechadas. Quanto maior ela era, mais crítica era a necessidade de fechar suas portas. Então essa é uma boa oportunidade para refletir no

que louvar “em espírito e verdade” significa, e em como algumas igrejas maiores se afastaram de uma adoração bíblica e pura. Agora que todos esses grandes e sofisticados santuários e suas produções estão apagados, nós somos forçados a reconsiderar o que agrada um Deus santo.

Por fim, ser a igreja sem um prédio central de reuniões tem sido excruciante. É um sentimento estranho não encontrar seus irmãos e irmãs pelo menos uma vez na semana. Nós sentimos terríveis saudades e percebemos o quanto tínhamos isso como garantido. Mas isso também nos força a nos agarrarmos em nossa unidade em Cristo, e a sermos mais intencionais sobre procurar e orar pela nossa família espiritual.

Traduzido por Beatriz Silva Ferreira.

Texto original: What South Korean Christians  
Want You to Know About Coronavirus.  
The Gospel Coalition.



Steve Chang e Sarah Eekhoff

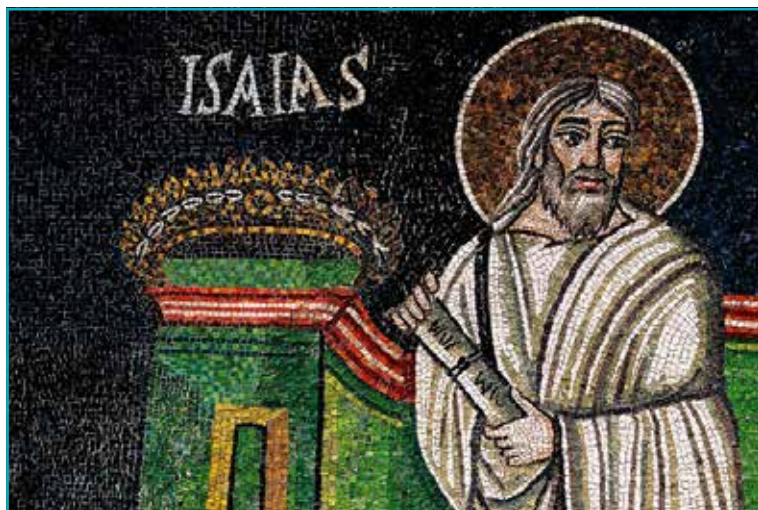
#### Sobre os autores

Steve Chang é professor de Novo Testamento na Torch Trinity Graduate University em Seoul, Coréia, e pastoreia a congregação de língua-Inglesa na Hallelujah Church. Ele é um Coreano-Americano morando e servindo na Coréia desde 2001. Sarah Eekhoff Zylstra é escritora sênior do The Gospel Coalition. Ela recebeu seu mestrado em jornalismo pela Northwestern University.



# As citações de Isaías em Romanos 9-11: um teste para as técnicas hermenêuticas Paulinas

Carlos Osvaldo Pinto



O caso das citações do AT no NT já é um conhecido “campo de batalha” para a maioria dos ramos da erudição conservadora. Estudos recentes quanto à natureza, extensão e o método da inspiração têm sido motivados pelo uso das citações veterotestamentárias, estudos estes que refletem às vezes uma perspectiva um tanto frouxa do texto sagrado da parte dos autores levantados pelas citações não são, de modo algum, menos intrigantes. A tendência que prevalece, mesmo entre eruditos conservadores, tem sido de tornar os autores cristãos em grande parte dependentes dos métodos judaicos de interpretação, tais como o Peshet e o Midrash. Isso tem sido levado a tais extremos que Paulo parece não passar de um plagiador hermenêutico que procura no judaísmo palestino um modo de introduzir o “evento de Cristo” em todo canto e fresta do AT.

O presente ensaio reflete o crescente interesse de seu autor no uso da profecia de Isaías pelos escritores do NT. Este ensaio procurará indícios, mais do que respostas, às questões quanto à maneira pela qual os textos citados foram



entendidos e aplicados. O que o autor espera fazer com este estudo é lançar luz sobre a tese que afirma que os escritores neotestamentários, e Paulo em especial, estavam bastante conscientes da natureza sagrada do texto do AT ao citarem o que julgavam ser passagens apropriadas a um ataque à ideia que declara ser possível reivindicar inspiração divina (mesmo que falível!) para escritos que são tidos como distorções dos textos usados como apoio tanto para seus ensinamentos doutrinários quanto éticos.

## 1. A FUNÇÃO DOS CAPÍTULOS 9-11 NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

### 1.1 A Conexão entre os capítulos 9-11 e a Epístola como um Todo

Estes três capítulos têm sido vistos sob diversas perspectivas por diferentes intérpretes. Morris indica que Krister Stendahl crê que eles sejam o coração da carta, enquanto Lloyd-Jones os considera como um post-script do capítulo 8. Hunter e Dodd sugerem que os três capítulos são uma composição independente que, apesar de paulina, é estruturalmente distinta do restante do livro, onde funciona como um parêntese. Posições como essas, entretanto, comprometem seriamente o efeito que a epístola teria tido nas vidas dos leitores originais. A menção frequente de judeus e gentios, bem como de um contraste entre ambos os grupos ao longo da carta, sugere uma tensão crescente entre os dois segmentos da igreja em Roma. Paulo lidou com ambos tanto em uma base teológica (1.18-8.39) quanto prática (12.1-15.13). Portanto, gentios e judeus deveriam viver em harmonia porque ambos eram culpados diante de Deus (1.18-3.20), ambos foram reconciliados com Deus mediante a obra salvífica de Cristo (3.21-5.21) e ambos receberam uma nova vida caracterizada por vitória sobre a antiga servidão ao pecado através da habitação do Espírito Santo (pp. 601-839). Tais fatos (indicativos) são seguidos de imperativos nos capítulos 12-15, os quais se concentram em relacionamentos interpessoais – particularmente na questão de dialogismos (Rm 14.1), na qual costumes judaico-gentílicos recebem certo destaque.

A conexão entre o tratado teórico-teológico dos oito primeiros capítulos e a aplicação prática que Paulo faz na parte final é uma análise histórico-profética do status de Israel diante do Deus da aliança. Sem essa ponte histórico-profética, a parte aplicativa da epístola perde o seu impacto, enquanto o tratado teórico-teológico deixa descoberta a questão importantíssima de se de fato Deus relegou Israel a um ostracismo quanto à revelação e ao seu relacionamento com Ele.

Isso, de modo algum, nega a unidade fundamental dos capítulos 9-11, mas sugere que eles pertencem a uma unidade maior, como é indicado pelo parágrafo inicial (9.1-5), um elaborado contraste com a gloriosa declaração de 8.38-39. A afirmação de que a justiça de Deus alcança uma segurança definitiva, para aqueles que adequadamente se relacionam com Ele, poderia ser contestada por um observador criterioso, à luz da rejeição de Israel em favor da igreja cristã. Paulo, com a emoção típica (9.1-5), começa a tratar do assunto que, como indicado acima, tinha aparentemente um efeito divisor na igreja de Roma, i.e., a aparente rejeição de Israel do plano de Deus (cf. exortação em 15.7, por exemplo, onde a questão de rejeição está claramente em pauta).

O presente autor, portanto, dispõe-se a concordar com Stendahl em ver os capítulos 9-11 como cruciais na carta, pois eles (1) fornecem uma defesa contra a objeção mais clara ao tópico fundamental da epístola, a justiça de Deus, e (2) formam a base para as exortações práticas nos capítulos 12-15.

## 1.2 A Unidade e os Principais Temas da Carta

A unidade entre Romanos 9-11 e o restante da carta também pode ser vista pela presença dos principais temas encontrados nos capítulos 1-8. Na primeira parte do argumento, Paulo demonstrou que tanto os judeus quanto os gentios são culpados diante de Deus. A culpabilidade de Israel é enfatizada em 9.30-10.21. A provisão divina de justiça para ambos os grupos aparece no fim do capítulo 3 (vv. 21-31), enquanto em 9.24-11.15 Paulo enfatiza as bênçãos alcançadas pelos gentios por causa da presente condição de Israel. O conceito de eleição, que forma a base da segurança do crente, é tratado em maiores detalhes nos vv. 6-29.

Riggs indica que o paralelismo mais claro encontra-se entre 3.1-8 e o conteúdo de 9-11. A questão quanto aos privilégios dos judeus (3.1) encontra sua resposta definitiva em 9.4-5. A questão da fidelidade de Deus (3.3), abordada em resumo no capítulo 3, encontra sua resposta apropriada em 9.6-13. A objeção final no capítulo 3, de que Deus é injusto porque usa da falha humana para ressaltar sua fidelidade, é tratada em 9.14-29. Nesses versos, pensamentos quanto à soberania e paciência divinas complementam o conceito de injustiça da parte de Deus. Os capítulos 10 e 11 desenvolvem respectivamente: a alegada falha da justiça de Deus, indicando que Israel era realmente a parte culpada, e a maravilhosa promessa de que a infidelidade de Israel não cancela a fidelidade de Deus, ao contrário, Ele usa a falha humana para ampliar o alcance de Sua salvação.

### 1.3 As Características Literárias de Romanos 9-11

Não é apenas o conteúdo de Rm 9-11 que se relaciona estreitamente com a mensagem básica e com os temas específicos da carta. A técnica literária básica empregada nos capítulos 9-11 também é encontrada nos capítulos 1-8 e serve como prova adicional da unidade entre as duas partes. Esta técnica simples consiste no uso de (a) perguntas retóricas cujo propósito é (1) responder a objeções; (2) resumir argumentos; e (3) prevenir mal-entendidos. Doze dessas perguntas encontram-se em 9-11, enquanto que aproximadamente vinte e oito delas são encontradas nos oito primeiros capítulos, num equilíbrio bem dosado entre as duas partes; (b) afirmações que ora dão base para um argumento secundário ou derivam dos mesmos. Os aspectos diferenciais em Romanos 9-11 são as citações das Escrituras (AT), muito mais frequentes aqui do que nos capítulos 1-8 (há um total de quinze citações em Romanos 1.18-8.39, contra trinta e duas em 9.1-11.36). Dessas citações (em 9-11), doze (aproximadamente 40%) são do livro de Isaías. Este fato realmente faz sentido. O grande profeta do sétimo século tinha como tema básico a manifestação da salvação final de Deus através do justo governo de seu Servo, em quem Sua bênção prometida a Israel iria se concretizar. Tal tema é evidente em Romanos 9-11, na condição culpada de Israel (cf. 9.30-33) e na validade ininterrupta das promessas feitas à nação (cf. 11.1, 11, 29). Essas citações de Isaías serão o interesse principal deste artigo, sendo centrais no argumento dos capítulos 9-11 e, em virtude da unidade fundamental desta parte com o livro todo, cruciais para a compreensão de Romanos.

## 2. A NATUREZA E A LÓGICA DAS CITAÇÕES DE ISAÍAS EM ROMANOS 9-11

### 2.1 O Suposto Tratamento Paulino do Antigo Testamento

Longenecker declara enfaticamente que a marca mais profunda da herança judaica de Paulo como apóstolo é detectada no seu uso do AT. Com isso ele quer apontar não somente para a aplicação às chamadas “sete regras de Hillel”, mas também à prática de interpretações do tipo Midrash, que exigiam uma grande liberdade na manipulação do texto do AT. Ele concorda com T. W. Manson, ao citá-lo, dizendo que a maior preocupação de Paulo era com o significado do texto e, uma vez que o mesmo havia sido determinado mediante algum procedimento herme-

nêutico qualquer, a “reprodução acurada das palavras tradicionais dos oráculos divinos tomou lugar secundário em relação ao que era tido como o seu significado essencial e aplicação imediata.” Esse conceito permeia toda a literatura investigada pelo presente autor, mas não pode ser aceito por aqueles que afirmam a inerrância de toda a Escritura. Portanto, uma análise das citações de Isaías em Romanos 9-11 é necessária como uma orientação provisória na defesa de um método hermenêutico paulino mais conservador e orientado pelo texto (do AT), o que deveria servir como modelo para nosso uso pessoal do AT.

## 2.2 Uma Lista das Citações de Isaías em Romanos 9-11

Como foi observado acima, há doze citações explícitas de Isaías em Romanos 9-11. Esse uso vasto (40% do total) sugere que o assunto com o qual Paulo estava lidando nestes capítulos (1) foi tratado por Isaías; ou (2) era paralelo a algum tema tratado por Isaías; ou (3) foi a culminação de um processo já presente na época de Isaías. A última alternativa é a adotada pelo autor como razão da predominância das citações de Isaías no texto.

O que se segue é uma tentativa de alistar todas as citações explícitas de Isaías nos capítulos 9-11 da carta de Paulo aos Romanos como um primeiro passo na sua classificação e utilização.

Juntamente com essas citações explícitas, introduzidas formalmente por uma expressão ou frase, duas outras passagens em Isaías são usadas como alusões por Paulo, Isaías 8.14 (Rm 9.32) e Isaías 29.16 e 45.9 (Rm 9.20). A distinção entre citação e alusão aqui utilizada é meramente formal (presença ou ausência de uma fórmula introdutória) e não deve ser exagerada. O uso que Paulo fez de uma ou outra seguiu o mesmo princípio que governa as alusões (das quais as citações são formas especiais), i.e., que pelo seu uso numa obra literária o leitor será capaz de ligar um ou mais elementos em um texto qualquer com outros elementos independentes e não idênticos num texto evocado.

### CITAÇÕES DE ISAÍAS E ROMANOS 9-11

#### ROMANOS ISAÍAS FÓRMULA INTRODUTÓRIA CONCORDÂNCIA

9.27-28 10.22-23 dele clama Isaías N

9:29 1.9 como Isaías já disse G

9.33 28.16 como está escrito N



8.14

10.11 28.16 a Escritura diz N

10.15 52.7 como está escrito N

10.16 53.1 Isaías diz G

10.20 65.1 E Isaías a mais se N-G

atreve, e diz

10.21 65.2 Quanto a Israel, G

porém, diz

11.8 29.10 como está escrito N

11.26-27 59.20-21 como está escrito N-G

27.9

11.34 40.13 pois N-G

Nas citações alistadas acima as siglas empregadas devem ser entendidas de acordo com a seguinte descrição:

G/H = Concorda com a Septuaginta que concorda com o texto Hebraico (TM)

G = Concorda somente com a Septuaginta

H = Concorda somente com o Texto Massorético

N = Não concorda nem com o Texto Massorético nem com a Septuaginta

N-G = Não concorda com nenhum dos dois, mas está mais próximo da Septuaginta

## 2.3 Terminologia e Definições

A fim de se proceder a uma análise das passagens acima, é necessário definir clara e corretamente as categorizações normalmente empregadas por eruditos nos estudos paulinos. Uma vez que Longenecker e Ellis têm sido dois dos mais destacados estudantes do assunto, suas definições servirão de base para o presente estudo. Os dois termos cruciais nesta investigação são o Midrash e o Pesher. Esses dois termos se tornaram tão frequentes na literatura paulina que os eruditos, aparentemente, presumem que qualquer uso que Paulo faz do AT vai cair em uma das duas categorizações.

O Midrash é definido por Ellis como um “comentário... uma contemporização da Escritura a fim de aplicá-la ou de torná-la significativa à situação presente”. Essa definição é expandida em referência a uma double entendre (i.e., “de significado

duplo”), “alterações interpretativas do AT”, “citações combinadas ou compostas de vários textos do AT, alterados para serem aplicados à situação vigente”, e o uso de “fraseologia bíblica” para relacionar um evento com passagens do AT.

Mesmo que esta definição soe inocente, há um perigo inerente no uso da palavra “alteração”, pela qual os autores frequentemente querem dar a entender uma distorção intencional das palavras originais ou do significado das passagens citadas ou aludidas. O presente autor tem como preocupação a ocorrência cada vez mais frequente do termo Midrash nos círculos conservadores sem essa salvaguarda. O perigo é que as pressuposições que se tem sobre a natureza da inspiração bíblica vão impedir o exegeta de fazer uma exegese objetiva. Um exemplo de Ellis será o suficiente.

Ao exemplificar o Midrash, ele usa Romanos 10.11, que é uma citação de Is 28.16, dizendo: “A palavra ‘todo’ não está no texto do AT, ela representa a interpretação de Paulo mesclada na citação e melhor servindo ao seu argumento (10.12s)”. Assim, Romanos 10.11 é promovido (ou demovido) à categoria de Midrash, porque o adjetivo grego *pas* não estava no texto do AT, sendo uma adição interpretativa de Paulo. Ellis certamente sabe que a construção hebraica: “artigo definido” + “particípio” recebe uma construção “qualquer que seja” muito naturalmente. Assim, ainda que a tradução de Paulo contenha, sem dúvida, um elemento interpretativo, isso não é realmente uma adição ou alteração; é apenas uma maneira normal de traduzir o texto do AT. O pré-entendimento de Ellis em relação ao uso que Paulo faz do AT determinou previamente o modo pelo qual ele iria classificar a passagem em Romanos.

A definição de Longenecker contém a essência do problema aqui levantado. Ele diz: o Midrash designa “uma exegese que, indo mais profundamente do que o sentido literal, tenta penetrar no espírito das Escrituras para examinar o texto por todos os lados, derivando assim interpretações que não são imediatamente óbvias”.

O Peshar não é muito diferente do Midrash, já que também procura a contemporização do AT. Mas o Peshar vai além do Midrash no sentido de que virtualmente nega à passagem em pauta qualquer significado no que diz respeito ao contexto em que ela surgiu ou foi registrada. Esta perspectiva pode ser observada na compreensão que os membros da comunidade de Qumran possuíam quanto ao AT como algo dado principalmente para o seu próprio benefício e cuja mentalidade exegética era o iminente cumprimento escatológico. Uma maneira simples de entender esta forma de interpretação mais radical (que Ellis classifica como

um tipo de Midrash) nos é oferecida por Longenecker. Enquanto a exegese rabínica do tipo de Midrash afirma que “aquilo tem relevância para isto”, o tipo de exegese Peshar de Qumran dizia que “isto é aquilo”. Consequentemente, quando Raphael Vincent, por exemplo, escreve sobre um Derash Homilético em Romanos 9-11, não está fazendo qualquer distinção entre um e outro tipo. Ele, na realidade, aglomera todas as citações debaixo da categoria Midrash. Da mesma forma, Dinter generaliza ao falar da “marcante presença da interpretação midráshica em Romanos 9-11”, juntando artificialmente passagens que outros desejam separar.

Dadas essas definições e observações preliminares, é hora de examinar as citações alistadas acima para ver se elas apontam na direção de Midrash e Peshar como uma técnica de interpretação paulina típica.

## 2.4 Análise Individual das Citações

### 2.4.1 Romanos 9.27-28

Esta passagem, que cita Is 10.22-23, serve no desenvolvimento do capítulo como uma antecipação de uma possível objeção do tipo: “Se Jesus de Nazaré é realmente o Messias de Israel, como a maior parte do povo O rejeitou?,” ao expandir o pensamento da eleição soberana por Deus de judeus e gentios para a salvação (9.22-25).

Sua forma textual não se conforma nem com o TM nem com a LXX, sugerindo uma tradução livre com omissões deliberadas. As palavras omitidas estão relacionadas com a promessa da destruição dos receptores originais das palavras de Isaías, que Paulo aparentemente resume com o termo geral *logos*. O contexto de *sothestei* significa, literalmente, “retornar”. Será que isto aponta para uma interpretação tipo Midrash? Assim pensa Vincent, que diz que “ambos actualizam el texto”.

Isso, porém, é desnecessário, desde que em seu contexto histórico (a invasão de Judá pela Assíria) o significado do verbo hebraico *shub* englobaria a implicação de libertação, salvação da destruição pelo exército invasor. A promessa de Isaías do retorno de um remanescente (uma paranomasia com o nome de seu filho) se relacionava à crise contemporânea, mas também com a história de Israel como um todo de maneira típica. O que acontece, então, é que Paulo toma a categoria básica empregada pelo profeta e, sem alterar sua conotação original, expande-a para a situação presente, o que é legítimo, pois, como Morris indica, “um remanescente de Jacó retornará ao Deus Forte” (Is 10.21), não apenas à Palestina depois do cativeiro.

Em ambos os casos, fé foi o elemento crucial. Como parecia impossível a Acáz e sua corte confiar na mensagem de salvação da Assíria coma base na pura confiança em Javé, assim também parecia impossível aos judeus dos dias de Paulo aceitar pela fé um Messias crucificado. Em ambos os casos, um pequeno remanescente arriscou confiar em Deus e recebeu Sua salvação. Em resumo, o que Paulo está fazendo é aplicar o princípio histórico determinado por Isaías de que a indisposição de crer vai resultar em julgamento imediato (outra paranomasia de Isaías). A citação assume proporções dramáticas quando se percebe a urgência de Paulo quanto à situação política entre Israel e Roma. A destruição no passado pairava sobre os judeus como uma massiva espada de Dâmocles, e somente confiança na mensagem de Deus iria desviá-la, mas a nação como um todo não o quis. Portanto, a escolha de Isaías 10.22-23 é crucial desde que Israel mais uma vez entrou no ciclo da rejeição e estava pronto para o julgamento de Deus. Não é de admirar que Paulo sentisse profunda emoção quanto ao destino de seu povo (cf. 9.1-3).

#### 2.4.2 Romanos 9.29

O contexto histórico desta citação é uma invasão devastadora de Judá por Tiglate-Pileser III (não registrada na Escritura embora indicada em Is 1). O texto de Romanos segue a LXX e tem como diferença mais evidente em relação ao Texto Massorético o uso de *sperma* para traduzir o hebraico *sarîd* Kimehat. Essa mudança é uma técnica midráshica de Paulo ou ele está apenas citando a LXX sem nenhum referencial teológico em mente?

A resposta apropriada é, na opinião do presente autor, “nem um nem outro”. O sentido de Isaías é que somente a graça da aliança divina desviou o aniquilamento total nas mãos dos assírios. Os pecados de Judá eram tão hediondos que mereceriam o mesmo destino que Sodoma e Gomorra, e ainda assim Deus poupou a nação moribunda por amor do remanescente. Nos dias de Paulo, de igual modo, o pecado da rejeição da mensagem de Deus e de Seu mensageiro era passível de obliteração. Mesmo assim, a graça de Deus poupou a “semente” através de quem as promessas poderiam ser legitimamente concretizadas. Esta é, provavelmente, a razão pela qual Paulo reteve o termo *sperma* da LXX, pois o mesmo provê uma ligação natural com a parte inicial do capítulo (9.4) e os propósitos eletivos de Deus através da descendência de Isaque (9.7-8). Ainda mais, o termo “semente” fala de potencialidade e de continuidade.



Finalmente, a menção de Sodoma e Gomorra destacou a natureza graciosa de tal preservação, assim como Ló havia sido preservado da destruição total com base na amizade entre Abraão e Deus.

Portanto, o uso que Paulo faz de Isaías está de acordo com suas afirmações prévias sobre a graça eletiva de Deus na história da nação e com a percepção de Isaías da atividade salvadora de Javé no seu próprio tempo. A mudança de termo reflete o uso genérico que Paulo faz da LXX e a sua percepção de que a tradução transmitia o significado básico do profeta, enquanto também lhe forneceu uma Stichwort (palavra de ligação) que iria unir o capítulo mais facilmente nas mentes de seus leitores.

### 2.4.3 Romanos 9.33

Esta passagem apresenta mais do que o cabedal normal de problemas para o intérprete. Primeiro, ela é uma citação composta de dois textos diferentes em Isaías. Segundo, ela diverge significativamente tanto do Texto Massorético quanto da Septuaginta. E, por fim, dá às palavras de Isaías um significado bem diferente daquele pretendido pelo profeta.

Cranfield argumenta que Isaías entendia originalmente suas palavras como uma designação de Sião como o “lugar” onde Deus iria prover segurança àqueles que confiassem Nele. Vincent, por outro lado, sugere que Paulo emprestou a regra rabínica da analogia (gezerah shawah), a fim de construir sua tese, iluminando mutuamente dois textos que compartilham uma palavra comum, embora com significados diversos. O uso de citações compostas não é, por si só, um problema, desde que ambos os textos são usados de um modo compatível com seus significados originais. A questão do texto, porém, merece atenção desde que é uma das razões por que esta passagem é considerada como exegese midráshica ou tipologia pré-paulina.

A LXX aparentemente lê yebosh ao invés de yahish do Texto Massorético, chegando assim à expressão ou mê kataischyne. Ainda mais, o(s) tradutor(es) grego(s) adicionou ep’ auto onde o hebraico não possui objeto. Paulo concorda com a LXX nesta parte da citação. É possível justificar Paulo quando este adota a leitura da LXX; “não será confundido”, em vez do hebraico: “não fugirá”? Será isso, por si só, um uso midráshico da profecia? O presente escritor acredita que não, principalmente porque a LXX poderá ter usado o que Paulo considerou uma

paráfrase válida baseada na intenção autoral desta profecia de ruína dos líderes apóstatas dos dias de Isaías.

Contra o contexto de manobras políticas e de infidelidade religiosa da parte da liderança de Israel, Isaías levanta a bandeira da confiança em Javé como meio de salvação (numa referência fundamental, libertação histórica). A consequência da incredulidade seria a invasão e a devastação rápida de Jerusalém e seus habitantes (Is 28.17), os quais fugiriam com pressa (*hish*) ou seriam esmagados (Is 28.18). De acordo com essa análise, a ação de fugir com pressa do inimigo invasor seria a causa para completa vergonha diante daqueles cuja fé em Javé os líderes ridicularizaram. Assim, Paulo teria visto a LXX fornecendo, por assim dizer, uma metonímia de efeito em sua tradução, a qual ele reteve em virtude de preservar a ideia original de Isaías.

A outra razão pela qual esta passagem é considerada um Midrash é a aparente referência a Sião como a rocha, o lugar de refúgio para os crentes. Essa ideia, defendida por Cranfield (cf. n. 24, *supra*), deriva apoio do fato de que o Targum de Isaías 28.16 apresenta: “Eis que eu estabeleço em Sião um rei, um rei poderoso”. A implicação é que a compreensão messiânica cristã da passagem era baseada não em Isaías, mas no Targum.

Isso também deve ser rejeitado. Como A. T. Hanson argumenta, Paulo não citou Isaías (ou qualquer outra parte do AT) num vácuo histórico, mas ele considerou cuidadosamente o contexto histórico do texto citado. Seria “pedir demais” crer que Paulo não estivesse ciente do conjunto de passagens em Isaías onde o conceito de rocha era usado em relação a Deus. A própria passagem que ele combina com Isaías 28.16 é prova de que o sentido básico de Isaías era a pessoa de Deus, e que Sião compartilhava do conceito de refúgio somente em virtude de sua posição como o lugar de manifestação de Deus na terra. Isaías 17.10 oferece um paralelo esclarecedor, quando alude ao esquecimento da parte de Israel do Deus de sua salvação, “da Rocha da tua fortaleza”. Aqui a metáfora comum é *sur*, que permeou o conceito de Israel sobre Deus desde o começo da sua história (cf. Gn 49.24; Dt 32.4; 2 Sm 22.2-3; Sl 18.4). A mesma palavra hebraica, *sur*, é usada em paralelismo com *’aben* em Isaías 8.14, demonstrando, sem dúvida, que Isaías via Deus tanto como Rocha de salvação quanto Pedra de tropeço. As firmes convicções de Paulo quanto à divindade e ao caráter messiânico de Jesus tornaram a aplicação deste conceito bem natural para ele.

O problema, então, não é de Paulo, que estava derivando suas ideias do Targum, mas dos eruditos que tomam o atalho de acusar Paulo de plágio, ao invés de procurar diligentemente no AT as ideias expressas pelo apóstolo.

Os conceitos básicos desta passagem aplicam-se à outra metade da citação, Isaías 8.14. Tematicamente, Paulo estaria apontando à natureza paradoxal da manifestação de Deus a Israel, que gira em torno do “eixo” da fé. Assim como nos dias de Isaías a questão era confiança no Deus que faz o impossível, nos dias de Paulo a questão era confiança no Deus que fez o unimaginável, i.e., encarnar-se, morrer como um criminoso e ressuscitar dentre os mortos. Esse tema de continuidade entre a missão e mensagem de Isaías e a missão e mensagem de Paulo atinge seu ponto culminante na citação do quarto cântico do Servo de Isaías, que será considerado agora.

#### 2.4.4 Romanos 10.16

Esta passagem também é incluída entre os midrashim paulinos. A razão para essa classificação é a visão de Paulo da missão da Igreja e de sua própria missão apostólica como um cumprimento da missão do Servo.

Falando com referência ao texto, não há variações significativas entre Paulo e o Texto Massorético (aqui ele cita a LXX verbatim). A adição de Kyrie na LXX é aceita e usada pelo Apóstolo porque reflete a noção básica de que alguém diferente do Servo ou Javé é o orador em Is 53.1. A interpretação dispensacionalista tradicional deste versículo tem sustentado que o pronome “nossa” refere-se ao remanescente escatológico de Israel, deplorando a descrença histórica de seus antepassados. Isso significa considerar o sufixo pronominal hebraico como um genitivo objetivo. Se tal fosse o caso, parece que Jeremias e Dinter estão corretos em considerar esta passagem como um Midrash, porque o sentido pretendido pelo autor teria de ser substancialmente alterado pela citação de Paulo, uma vez que ele está falando da proclamação apostólica do evangelho aos judeus e gentios.

Se, contudo, o sentido de Isaías é aquele determinado por um genitivo subjetivo (note a mudança de “a mensagem que foi pregada por nós” para “a mensagem que foi pregada”), a perspectiva de Paulo quanto ao seu ministério apostólico seria coerente com o referente mais amplo, possibilitado pela escolha gramatical. Portanto, ele vê como o significado inspirado de Isaías 53.1 a rejeição da mensa-

gem profética sobre fé no Servo de Javé como o objeto de confiança na promessa da salvação efetiva e concretização das promessas de bênção universal contidas nas alianças. Percebe ainda a proclamação do evangelho a uma geração dura e descrente de israelitas como um referente mais amplo (não necessariamente cumprimento) do sentido único e inspirado de Isaías (Israel é historicamente impenetrável no que diz respeito a mensagens de graça e confiança).

Este artigo já mencionou a ideia de que Paulo parece identificar estreitamente sua missão com a de Isaías, assim como o contexto em que cada um ministrou. Paulo o faz não em forma midráshica, desconsiderando o contexto histórico-literal de suas fontes, mas usando claramente correspondências históricas válidas entre os dois *Sitz im Leben* (fonte e uso).

#### 2.4.5 Sumário Quatro das doze citações explícitas de Isaías em Romanos 9-11 foram analisadas aqui como exemplos do material das citações e técnica paulinas.

Observações textuais e semânticas levaram o autor à conclusão de que o Midrash, como descrito por intérpretes modernos, não era a abordagem típica do apóstolo, pelo menos no que se refere à literatura profética.

### 3. AS CITAÇÕES DE ISAÍAS E O ARGUMENTO DE ROMANOS 9-11

De acordo com aquilo que foi visto, pode-se afirmar que Paulo entendia sua situação no tempo e no espaço como muito semelhante àquela do profeta Isaías por volta do século VII a.C. Não apenas a situação histórica era similar, o clima espiritual também “batia”, especialmente com a descrença cínica que permeava o relacionamento de Israel com Deus e uma forte autoconfiança determinando a perspectiva da nação sobre si mesma diante de Deus.

Cada um deles, Paulo e Isaías, trouxe para a sua própria geração uma mensagem que incluía bênção e maldição. Do ponto de vista da aliança mosaica, Isaías pregou a rejeição da nação e a preservação de um remanescente. Do ponto de vista da nova aliança, Paulo observou e explicou a rejeição da nação por causa de sua descrença, com a preservação de um remanescente como sinal de que a bênção prometida, que Isaías também previu e prenunciou, finalmente viria.

Romanos 9-11 serve o propósito de vindicar a justiça de Deus na rejeição do Israel endurecido por causa de sua rejeição da salvação (justificação) que Deus



ofereceu pela graça mediante a fé. Isaías é muito citado por causa da profunda semelhança da natureza da oferta de Deus, do momento histórico de ruína iminente e da rejeição nacional da graça que lhe havia sido estendida. Nesse sentido, Isaías fornece a essência do argumento paulino.

## CONCLUSÃO

O uso das citações de Isaías foi estudado a fim de se avaliar as alegações de que o Midrash é uma categorização apropriada para a abordagem paulina do AT. Das doze citações explícitas de Isaías em Romanos 9-11, quatro foram examinadas, as quais são rotuladas de Midrash por um ou mais dos eruditos contemporâneos. O presente estudo, ainda que preparatório e não definitivo, indicou que a exegese midráshica não é o método de exegese e aplicação paulino normativo em relação ao AT.

Este fato leva o autor a discordar de Dinter, quando este diz (numa afirmação típica dos proponentes do Midrash):

*Ainda, a natureza de servo de Paulo passou por seu grande teste não na sua missão aos gentios... mas no evento inesperado da rejeição do evangelho por seu próprio povo. Nessa matéria, acima de tudo, sua busca pelo profeta Isaías o capacitou a entender as palavras do profeta como diretamente revelatórias de sua própria vida e como um fator essencial na elaboração do evangelho de Deus prometido de antemão pelos profetas (Rm 1.1-2).*

Em Romanos 9-11, Paulo demonstra um apelo midráshico bem estudado e paciente das Escrituras hebraicas (tanto na tradição textual hebraica quanto na grega).

O método de Paulo não era midráshico e a sua percepção de Isaías não era diretamente revelatória, mas foi ditada pela noção de sentido-referente guiada pelo Espírito. No caso de Paulo, tal percepção era inerrância garantida pelo tipo de ministério realizado pelo Espírito Santo. No caso do intérprete moderno, direção não garante inerrância, o que exige acuracidade e honestidade intelectual ao estabelecer-se o sentido correto da passagem em pauta e sensibilidade ao Espírito na percepção de referentes válidos. É convicção do presente autor que atribuir a Paulo a prática indiscriminada de Midrash implica em erro duplo.



Estudar as línguas originais é uma necessidade crescente numa época cheia de equívocos sobre a revelação de Deus. E estudar especificamente a sintaxe permite uma interpretação do texto bíblico muito superior àquela que se faz apenas com um domínio da morfologia ou ainda sem o auxílio das línguas originais.

Foi por essa razão que lançamos a obra Fundamentos para exegese do NT, que agora ganha uma segunda edição ampliada pelo prof. Marcelo Dias, amigo, aluno e colega de trabalho do saudoso prof. Carlos Osvaldo Pinto.

Publicado por Vida Nova.



Carlos Osvaldo Pinto

#### Sobre o autor

Bacharel em Teologia, Mestre e Doutor em Teologia. Professor de Línguas Originais e Teologia. Foi reitor e chanceler do Seminário Bíblico Palavra da Vida e coordenador do Mestrado em Teologia e Exposição Bíblica daquela casa. Autor de diversos livros de teologia e línguas originais. Faleceu em 15 de outubro de 2014. Era casado com Artemis Pinto, e deixa 3 filhos: Lailah, Yerusha e Tirzah.

# A correta distinção entre a lei e o evangelho

Thiago Rafael Vieira



Millhares de pessoas pelo mundo, especialmente do classificado grupo de risco, tem sucumbido diante da pandemia do novo coronavírus. Descoberto no final do ano de 2019, em março de 2020 já são mais de quatrocentos e cinquenta mil casos diagnosticados com o Covid-19.<sup>1</sup> A busca agora é por medicamentos que possam combater os efeitos do vírus e consecutivamente reduzir sua gravidade e mortalidade.

Mas o que o coronavírus tem a ver com a lei e o evangelho? Pode ser que nada. Contudo, assim como este vírus tem trazido pânico ao mundo e ceifado, prematuramente, milhares de vidas, o pecado também possui este efeito. Cientistas do mundo inteiro buscam por soluções farmacológicas para combater o Covid-19 e tratar aquele que foi diagnosticado com o vírus. Queremos aqui fazer uma analogia com o pecado: Como podemos combatê-lo? Como tratar o pecador?

<sup>1</sup>Dados em: <https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em 23.mar.2020.

Além da hipótese do novo coronavírus, sabemos que para o tratamento e a cura de qualquer doença é fundamental que as ações médica e farmacêutica sejam realizadas em sua devida ordem. Como, por exemplo, para tratar uma pneumonia é necessário, primeiro o diagnóstico, por meio das devidas ações médicas de prescrição de exames clínicos, laboratoriais e de imagem, posteriormente o tratamento medicamentoso, além dos cuidados de resguardo, para, então, alcançar a cura. Ainda, mesmo com a cura, permanece os efeitos pedagógicos do pós-tratamento, os quais induzem a pessoa a ter cuidados para que não se depare com a pneumonia novamente.

O pecado original que se estendeu por todo o gênero humano, depravando-o, é um mal hereditário, oriundo de Adão, que até as crianças no ventre de suas mães contamina,<sup>2</sup> é a raiz que produz no homem todo tipo de pecado.<sup>3</sup> Vejamos o que diz o capítulo 6 da Confissão de Fé Batista:

Por esse pecado, nosso primeiros pais decaíram de sua condição original de retidão e comunhão com Deus. No pecado deles nós também pecamos, e por isso a morte veio sobre todos; todos se tornaram mortos no pecado e totalmente corrompidos, em todas as faculdades e partes do corpo e da alma.

Apesar do homem ter trazido sobre si a maldição da lei, somos salvos e justificados por meio do Evangelho de Jesus Cristo. “Por essa razão, as mesmas promessas que se nos ofereciam na Lei seriam ineficazes e sem poder algum se não nos socorresse a bondade de Deus pelo Evangelho”.<sup>4</sup> Vejamos o capítulo 7 da Confissão de Fé Batista:

Tendo o homem trazido sobre si mesmo a maldição da lei, por causa de sua queda no pecado, o Senhor teve por bem estabelecer o pacto da graça. Neste pacto Deus oferece gratuitamente, a pecadores, vida e salvação por Jesus Cristo, requerendo-lhes fé nEle para que sejam salvos, e prometendo dar o Espírito Santo a todos os que estão destinados para a vida eterna, para lhes dar a vontade e a capacidade para crerem.

Dito isto, vamos pensar na lei e no evangelho como um remédio contra a doença chamada pecado. O primeiro efeito que podemos refletir sobre este “composto

---

<sup>2</sup>“Eu nasci em pecado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Sl. 51.5).

<sup>3</sup>Adaptação do artigo 15 da Confissão Belga.

<sup>4</sup>CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã – Vol. II, Rio de Janeiro: Unesp, 2007, p. 265.

medicamentoso” denominado Lei e Evangelho é a compreensão adequada do “paciente” acerca do poder devastador do pecado. A partir da pregação da Palavra, temos a compreensão exata sobre o pecado, o que nos permitirá distinguir entre lei e evangelho. Quando somos tratados pela Palavra do Senhor, deixamos de ser governados pela doença que estava alojada em nossa alma: pecado. Deixando de ser a regência da nossa vida, o pecado também deixa de ser consuetudinário. Reconhecemos que somos pecadores, regidos pelo Senhorio de Cristo, redimido pela graça, não mais perdidos e condenados.

Todavia o afastamento da influência do pecado, não implica na ausência de sua presença. A pessoa que foi devidamente medicada, voltará a ser exposta diariamente ao agente hospedeiro da doença, contudo com uma grande diferença: sabemos o que precisamos fazer para vencê-lo. Cada um de nós possui determinadas inclinações pecaminosas que devemos vencer todos os dias, e mesmo que ocorram momentos de deslize, uma nova aplicação do “remédio” resolverá o problema.

O pecado sempre tentará retomar sua condição de regente em nossas vidas, assim, devemos tratar a doutrina do pecado de forma séria e consciente. É o que ensina Pless: “Se a lei e evangelho devem ser corretamente distinguidos, é essencial que a doutrina bíblica do pecado seja estabelecida de maneira também correta”.<sup>5</sup> Em outras palavras, podemos tratar o pecado como um sintoma normal, ou desdenhá-lo, como se ele deixasse de ser uma ameaça, como se existisse uma garantia de que a pessoa não cairá, ou que o ato pecaminoso, quando praticado, será imediatamente absolvido. Em ambos os casos, haverá uma subestimação do pecado, perigosa por si mesma, representando que a pregação da Lei e do Evangelho não foram ministradas corretamente.

A Lei e o Evangelho destroem o reino do pecado e possibilitam que o “paciente” resista a qualquer tentativa de retorno do domínio proveniente da transgressão. Aquele que foi salvo por intermédio da Fé, também conseguirá perceber quando uma doutrina oferece um paradigma diverso daquele inserto na carta paulina de Romanos 6:12-14.

A resistência ao pecado não é algo automático, até porque se fosse, a lei seria desnecessária. A lei existe para regular comportamentos e para promover

---

<sup>5</sup>PLESS, John T. Manejando bem a Palavra de Deus – Lei e Evangelho na Igreja hoje. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2018, p. 98.



resolução do litígio: se o crente estivesse tomado por um “propulsor natural”, que não mais o fizesse pecar, a lei tornar-se-ia inútil. Este fato contraria não apenas a vida real, mas também as sagradas escrituras. Martinho Lutero reconhece que “a natureza humana é tão má, que mesmo as pessoas que são dotadas do Espírito de Deus, não somente falham em fazer o que é direito, como até mesmo lutam contra isso”.<sup>6</sup> Evidentemente que não é por intermédio da nossa luta angustiada que chegamos a Cristo e muito menos vencemos os pecados todos os dias – isto caracteriza um movimento denominado pietismo.

Dando continuidade a caminhada cristã, além do reconhecimento do pecado, precisamos ter a capacidade de articular lei e evangelho, pois esta articulação reflete em nossas vidas e tem o poder de influenciar os outros. A confissão de Fé de Augsburgo enfatiza, em seu artigo 7º, a pregação do evangelho como um dos instrumentos essenciais de identificação da verdadeira igreja, juntamente com a administração dos sacramentos ou ordenanças, dependendo da tradição. Enfatizamos dois pontos indispensáveis: primeiro, o crente continua tendo vivo em sua mente qual o propósito da Lei em sua vida: “conhecer o pecado e ao que ele nos conduz – a morte, ao inferno e à ira de Deus”.<sup>7</sup> Segundo, entende a misericórdia que flui do Evangelho, assimilando que “[...] como um cristão, agrado a Deus, não por causa daquilo que faço, mas por causa de sua graça. Se trabalho muito pouco ou errado demais, Ele, graciosamente, me perdoará e me fará melhorar. Essa é a glória de todo cristão”.<sup>8</sup> Tais premissas, ensinadas por Lutero, são responsáveis pela formação das sinapses mais fortes na mente do cristão, assim como o pensamento, a criatividade a resposta emocional, a escolha dos afetos, as preferências, e a produção intelectual provém de neurônios bem desenvolvidos no cérebro de alguém.

Também podemos passear pelos artigos 9º e 10º da confissão de fé de Augsburgo que prescreve sobre os sacramentos, onde verificamos que a natureza destes também possui um caráter pedagógico de suma importância para o aprendizado saudável na vida do crente e para o fortalecimento da Igreja do Senhor,

---

<sup>6</sup>“Argumento 17: O poder da carne, mesmo em verdadeiros crentes, mostra a falsidade do ‘livre-arbítrio’” – LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. 1525. p. 39.

<sup>7</sup>“Argumento 4: A lei tem o propósito de conduzir os homens a Cristo, dando-lhes o conhecimento do pecado”. LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. 1525. p. 25

<sup>8</sup>“Argumento 18: Saber que a salvação não depende do “livre-arbítrio” pode ser muito reconfortante”. LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. 1525. p.39

afastando qualquer ultra exaltação ou esvaziamento de significado. É a compreensão do Evangelho pregado e dos sacramentos ou ordenanças administrados de acordo com a palavra de Deus que constituem a verdadeira Igreja.<sup>9</sup> É por isso que perceber como termos articulado a lei e o evangelho em nossas vidas é essencial para o acompanhamento da Igreja, uma vez que precisamos compreender os sacramentos e/ou ordenanças como sinais visíveis e exteriores da graça e testemunhos da vontade divina para conosco.

O batismo é um meio de graça. O batismo deve fazer parte da nossa compreensão primária. Nas palavras de Nelson Kilpp, tratando da compreensão luterana do Batismo e da Ceia do Senhor,<sup>10</sup> o Batismo pode ser descrito como “regeneração”, conforme disposição de Tito 3:5 e João 3:15. Além disso, também podemos entendê-lo como um “renascimento”. Deste modo, tais palavras demonstram os efeitos do remédio na vida do [que antes era] doente. O Catecismo menor de Lutero ao responder sobre o significado do batismo com água, faz uma descrição precisa da necessidade de arrependimento diário, e nos ensina que no batismo a velha pessoa morre afogada com todos os pecados e desejos (Catecismo Menor IV, 12).

A fim de sanar qualquer dúvida, já que estamos falando de um cristão governado por Cristo, mas que luta diariamente contra os pecados, Kilpp nos explica a natureza do brocardo simul iusti et peccatores: os crentes são ao mesmo tempo justificados e pecadores. O motivo, é que o batismo é uma ação contínua de Deus, indo muito mais além de um rito isolado. É por isso que Martinho Lutero arre-mata a questão dizendo que na vida cristã o batismo é diário (Catecismo Maior IV, 65), não porque o ato do batismo vai se repetir várias vezes, mas porque o seu significado é reafirmado sempre que houver arrependimento após o que biblicamente é identificado como primeiro amor – Apocalipse 2:4-5.

É neste sentido que devemos estabelecer nossos objetivos de fé e vida: andando e desfrutando de tudo aquilo que de adequa no conjunto denominado tradicionalmente como estado de graça. Buscar em Cristo para não ser governado pelo pecado. Aqui, avocamos o tema da ordenança/sacramento da ceia do Senhor. O cristão que recebeu o “remédio”, agora também pode manter-se no caminho de santificação, por meio do recebimento do corpo e sangue de Cristo,

---

<sup>9</sup>Artigo 13: Do Uso dos Sacramentos. Confissão de Augsburgo.

<sup>10</sup>KILPP, Nelson. “O Batismo e a Ceia do Senhor na Tradição Luterana e no diálogo presente”. Estudos Teológicos, v. 38, nº 1, p. 15-33, 1998.

a manifestação mais sublime de redenção dos pecados, justificador do porquê os sacramentos/ordenanças são efetivos e válidos.

Mais uma vez as palavras de Lutero são indispensáveis para explicar a figura de linguagem do remédio, no qual “tomarmo-nos filhos de Deus através da operação de Deus, e não por qualquer atuação do “livre-arbítrio” em nós”.<sup>11</sup> Na etimologia médica, o uso da palavra operação é sinônimo de cirurgia, que significa “trabalho feito com as mãos”. Uma das partes que estão presentes na complexidade deste “processo cirúrgico” é o evangelismo e acompanhamento dos irmãos dentro da Comunidade de Fé – quando somos alcançados pelo poder das mãos do médico Jesus, queremos propagar esta cura para as outras pessoas, ato este que também é resultado da obra soberana de Deus, uma vez que estamos tratando de uma ação estritamente vinculada às ordenanças de Cristo de: 1) pregarmos o evangelho a toda criatura (Mateus 16:15) e 2) não sermos causa de tropeço para o nosso irmão (1João 2:10) e que nos purificarmos pela obediência à verdade, visando o amor fraternal e sincero (1Pedro 1:22).

O cristão cumpre precisamente Lei e Evangelho quando estuda o conteúdo das Escrituras Sagradas, acompanhado de Catecismos e Confissões de Fé que estejam devidamente alinhados com a ideia da mente cativa a Cristo e em seguida coloca em prática tudo o que aprendeu por meio do devocional, do combate a pensamentos distorcidos e sentimentos errados e do exercício da sabedoria em todas as atividades que realiza: no seio da nossa família, no trabalho, na criação dos filhos, no lazer e assim por diante, conforme a Palavra de Deus ensina em Romanos 13: 8-10:

A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.

Quando amamos o nosso próximo, regra de ouro tomista e a grande lei natural, colocando em prática aquilo que está descrito na Lei do Senhor, estamos cumprindo a lei. Paulo elenca estes pontos porque se trata daquilo que constitui o

---

<sup>11</sup>“Argumento 16: A soberania de Deus não anula a nossa responsabilidade”. LUTERO, Martinho. *Da Vontade Cativa*. 1525. p. 65

princípio básico da consagração cristã: o amor ao próximo. Não é possível realizar tais atos de amor ao próximo sem a regeneração promovida por Cristo, além de ser uma hipocrisia realizar ações externas sem uma vida de santificação e observância desses pontos por intermédio da nossa obediência à palavra de Deus.

Um exemplo prático acontece na Igreja Batista Filadélfia de Canoas, que possui em sua estrutura, além dos cultos semanais no templo, a realização de cultos domésticos denominados de grupos de crescimento. Trata-se de uma reunião semanal, onde os participantes estudam a bíblia e promovem a comunhão através 1) do cuidado uns aos outros e 2) compartilhamento de suas experiências na vida diária, em que precisam falar e/ou aplicar 2.1) questões referentes ao cumprimento e/ou exposição da Lei e 2.2) a manifestação e/ou vivência do Evangelho de Cristo.

Quando Igreja consegue distinguir bem as vocações, selecionar dentre os seus membros aqueles que são vocacionados para o ensino, para que assim eles sejam preparados para ensinar os outros, temos um exemplo de boa articulação da Lei e Evangelho a serviço dos irmãos da Igreja.

Lutero faz menção ao processo de justificação pela fé como procedimento que apenas é possível pela Graça de Deus, apresentada logo após a Lei do Senhor. Somos agradecidos em ter recebido de Deus algo que agora é nosso. Quem deu foi o Senhor, mas agora pertence a nós. A salvação foi dada por Cristo, e agora ela pertence ao justificado pela fé, que agora tem o conhecimento do seu pecado e arrependimento pela graça – estes atributos são pertencentes a Deus, porque são dons Dele. Assim, consideramos que a santidade cristã é oposta a dissolução, conforme lição de Efésios 4:17-19 que demonstra a diferença entre o coração endurecido em relação aquele que aprendeu verdadeiramente sobre Cristo.

Há um belo equilíbrio entre os sentimentos dentro da essência cristã: a princípio, com a apresentação da lei, o ouvinte se entristece porque conhece a realidade da sua condição (Eclesiastes 1:18), contudo, Paulo demonstra a continuidade deste processo em 2 Coríntios 7:10 falando a respeito da natureza da tristeza no plano salvífico, e como ela opera arrependimento para a salvação. Em seguida, no momento em que a tristeza alcança seu fim último, que é o quebrantamento, o doente é apresentado a alegria do medicamento, i.e, redenção, conhecendo o evangelho de Cristo. Após isso, a graça do Senhor continua a manifestar-se no ato de recebimento do batismo pela fé, já que é uma oferta de graça, lembrando daquilo que Lutero preleciona no Catecismo Maior IV, 29: “Deus ligou graciosamente sua

ação salvadora à água”. No mesmo sentido a Santa Ceia, uma vez que as ordenanças são meios de graça, que garantem e comunicam a graça de Deus.

### Referências bibliográficas:

- CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã – Vol. II, Rio de Janeiro: Unesp, 2007.
- KILPP, Nelson. “O Batismo e a Ceia do Senhor na Tradição Luterana e no diálogo presente.” Estudos Teológicos, v. 38, nº 1, p. 15-33, 1998.
- LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. 1525.
- PLESS, John T. Manejando bem a palavra de Deus – Lei e Evangelho na Igreja Hoje. Porto Alegre: Editora Concórdia, 2018.



“Direito Religioso” aborda questões teóricas profundas sem perder o olhar prático da experiência profissional dos autores, Thiago Vieira e Jean Regina, advogados especializados no atendimento a inúmeras igrejas e entidades confessionais no país.

Nosso desejo, ao publicar esta obra — agora em sua terceira edição revisada e ampliada —, é que ela seja uma ferramenta prática para pastores, presbíteros e demais líderes religiosos, auxiliando-os especialmente nas questões jurídicas diárias da igreja.

Publicado por Vida Nova





Thiago Rafael Vieira

### Sobre o autor

Coautor da obra *Direito Religioso: questões práticas e teóricas*, 3ª edição ampliada e atualizada (Vida Nova). Advogado desde 2004, professor, escritor e ensaísta. Graduado pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2004). Membro da OAB/RS, inscrito sob o n.º 58.257 (2004), membro da OAB/SC inscrito sob o n.º 38.669-A e membro da OAB/PR inscrito sob o n.º 71.141. Especialista em Direito do Estado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2005). Pós-graduado em Estado Constitucional e Liberdade Religiosa pela Universidade Mackenzie, em parceria com a Universidade de Oxford (Regent's Park College) e pela Universidade de Coimbra (Ius Gentium Conimbrigae/Centro de Direitos Humanos) (2017). Pós-graduado em Teologia e Bíblia pela Universidade Luterana do Brasil. Professor visitante da ULBRA e em diversos cursos de Direito Religioso. Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR). Colunista dos blogs "Voltemos ao Evangelho" e "Gospel Prime". Articulista na Revista de Teologia Brasileira/Vida Nova, Burke Instituto Conservador, Mensageiro Luterano e Instituto Liberal. Ensaísta colaborador da Gazeta do Povo. Vice-presidente do Instituto Cultural e Artístico Filadélfia (ICAF) e, atualmente, Conselheiro Fiscal da Igreja Batista Filadélfia de Canoas/RS. Casado com Keilla e pai da Sophia Vieira.

# Helenismo e cristianismo

Jean Brun



Muitos historiadores da filosofia pensam que a filosofia grega teria contribuído para “preparar” o cristianismo; não deixam de ressaltar o papel do platonismo, do aristotelismo, do estoicismo e do plotinismo entre os Pais da Igreja e entre teólogos como São Tomás de Aquino e tantos outros. Portanto, afirma-se naturalmente que, do helenismo ao cristianismo, existe uma continuidade na qual seria fácil de localizar os diferentes marcos.

Tal ponto de vista equivale a fazer do cristianismo um fenômeno socio-cultural cujas fontes podem ser encontradas no movimento das ideias ou no ambiente socioeconômico que lhe teria dado o início. Afirmar dessas retiram do cristianismo a Revelação, que lhe constitui o coração, e o situam no mesmo plano de mitologias ou religiões cujos especialistas praticam a fenomenologia ou a história. Além e acima de tudo, explicações assim não veem que, do helenismo ao cristianismo, há uma ruptura e não continuidade, e que o cristianismo nada tem a ver com uma filosofia que seria um produto da história, da qual ela comporia um momento.

Gostaríamos de sublinhar esquematicamente os diferentes pontos que permitem compreender que, do helenismo ao cristianismo, existe uma solução de

continuidade posta em evidência, aliás, pelo fato de que os gregos viram na mensagem cristã a invenção de um deus insano adorado por charlatães.

1. Uma primeira oposição fundamental se encontra no centro de todas as reflexões que gravitam em torno da noção de Verdade. As filosofias gregas são filosofias do desvelamento que permitem ao discípulo aplicado um acesso à verdade possibilitado por um saber ascensional que, no decorrer de diferentes etapas, conferirá a quem o tiver adquirido a contemplação da verdade. Repete-se com frequência, com o inoportuno Heidegger e a partir dele, que *alétheia* significa desvelamento e implica um ato intelectual que traz à tona o que estava oculto. Todo o problema consiste, pois, em eliminar as cortinas que nos mascaram a verdade e tirar os véus que nos impedem de vê-la. Para Platão, as duas principais cortinas que nos impedem de ter acesso à verdade são a sensação e a opinião, das quais devemos nos desfazer. Para Aristóteles, são os vícios de raciocínio e os sofismas que nos detêm no caminho que conduz à verdade, caminho sobre o qual Parmênides cantara em termos líricos. Quer coloquemos a ênfase nos erros de juízo, como fizeram os estoicos, quer a coloquemos nas superstições, como fizeram os epicureus, de toda maneira a posse ou contemplação da verdade é prometida ao filósofo que lhe poderá ter acesso graças a uma ascese intelectual que o conduz na boa estrada, ao longo de um percurso quase iniciático.

Por isso, estas filosofias do desvelamento têm um ponto em comum: todas afirmam que o homem é capaz de “identificar-se com Deus”, mesmo que seja só por um curto instante. A ideia e a fórmula correspondente se encontram em Platão e em Aristóteles, e mesmo entre os estoicos e os epicureus, para os quais o sábio é como um deus vivo sobre a Terra. Mas esta ideia chega a seu apogeu com Plotino. Seu discípulo e biógrafo Porfírio nos diz que Plotino, em repetidas ocasiões ao longo da vida, “viu”; como observa muito bem Henri-Charles Puech, o plotinismo é uma mística da imanência que se desdobra no contexto de uma metafísica da transcendência. Para Plotino, de fato, no trecho final do percurso ascensional o contemplador se torna semelhante à verdade ou ao Deus que ele contempla. Por isso, Plotino nos exige despojar-nos das escórias que escondem a bela estátua que somos, a fim de nós próprios nos tornarmos o Deus. Em tal filosofia, que teve importância considerável entre os teólogos da Idade Média, sobretudo por intermédio de Pseudo-Dionísio Areopagita, a salvação está presente, só se devendo tomar consciência dela; basta inverter o êxtase catastrófico da

processão, que nos faz passar do Uno ao Múltiplo ao nos precipitar na matéria e no mal, para eliminar esta queda, tendo em vista um êxtase ascensional que conduz à contemplação daquilo que está além da essência e da existência.

O homem pode, portanto, produzir sua “salvação” por seus próprios esforços, por causa da aquisição de um conhecimento purificador e salvador; ele não tem nenhuma necessidade de um intermediário, de um Mediador, nem de Graça. Neste ponto, Aristóteles, para o qual Deus move o mundo e o toca, não podendo ser por ele tocado, afirma, porém, que às vezes podemos nos identificar com esse Deus “separado”, nem que seja por um breve momento.

Esta concepção da verdade nada tem a ver com aquela que a mensagem cristã nos traz. Para o cristianismo, a Verdade não está nem no homem, nem fora do homem; é o homem que está na verdade, dela não sendo nem privado, pois foi criado à imagem de Deus, nem possuidor, pois é o ser da queda. Quando Pôncio Pilatos perguntou: “Que é a verdade?”, ele o fez enquanto cético desiludido que sabe que todos os filósofos pretendem dar uma definição da verdade sem, no entanto, conseguirem entrar em acordo entre si. A mesma questão poderia ser encontrada atualmente na pena dos partidários da filosofia analítica ou de algum discípulo de Wittgenstein. De bom grado, eles definiriam, portanto, a verdade como a expressão de uma coerência lógica intra- ou interproposicional; quanto aos positivistas, eles fariam da verdade um sistema de fórmulas dedutivamente demonstradas e experimentalmente provadas.

Mas é possível imaginar que a questão: “Que é a verdade?” foi bradada, à maneira de Nietzsche, como um grito de desespero à espera de uma resposta totalmente diferente daquela proposta pelos lógicos ou pelos eruditos. Quando Jesus falava, costumava utilizar a fórmula: “Em verdade vos digo”; quando nomeou seus discípulos, disse que eram “da verdade”. A verdade é, pois, o que faz o homem, mas o que o homem não pode fazer; o homem não lhe é nem o inventor nem o autor, mas deve ser-lhe a testemunha. Tal mensagem não se encontra em parte alguma nas filosofias gregas.

2. As filosofias gregas são filosofias da interioridade que pensam que a verdade se encontra no homem, mas que ele a esqueceu e não sabe mais como encontrá-la. É preciso, pois, um guia que o leve pela mão para o interior de si próprio, até ao ponto em que ele redescobrirá o que as águas do Lete tinham há muito encoberto. É assim que Sócrates compara seu trabalho ao de sua mãe, a parteira

Fenarete, dizendo que sua tarefa é fazer com que seu interlocutor encontre a verdade oculta que se ocultava em si mesmo. Por isso, Sócrates não cessa de afirmar que “aprender é rememorar” e que o saber é reminiscência; assim, Sócrates pode fazer sua célebre máxima inscrita no frontão do templo de Delfo: “Conhece-te a ti mesmo”.

As Escrituras, pelo contrário, não cessam de nos alertar contra todas as enganosas aparências do verdadeiro que poderíamos extrair de uma reflexão sobre nós mesmos: “Cuida, então, para que a luz que há em ti não sejam trevas”. Para um Plotino, por sua vez, que se situa explicitamente nas antípodas do cristianismo, trata-se de mergulharmos em nós mesmos, certamente não para nos afirmarmos como indivíduos, mas para descobrirmos a fonte da luz interior capaz de nos ligar ao Uno, que nos libera dessa individualidade. No cristianismo, a luz vem a nós quando Deus ilumina, mas nós somos incapazes de acendê-la por nossas próprias forças e, conseqüentemente, toda oração é um apelo à libertação. Se o êxtase plotiniano pode conduzir ao iluminismo que leva o indivíduo a pensar que ele, finalmente, tornou-se Deus, a iluminação da mensagem cristã faz nascer um novo homem, e o “caminho de Damasco” nada tem a ver com um percurso iniciático qualquer enchendo o sábio ou o místico com as bênçãos do conhecimento iluminante.

3. A concepção grega da verdade, bem como a ideia segundo a qual o saber é uma reminiscência que nos permite encontrar a fonte perdida, acabam por definir a virtude como saber. Sem dúvida, Sócrates não cessa de denunciar as pretensões dos sofistas, para os quais a virtude era uma habilidade que eles bem fingiam ensinar da mesma maneira que a arte da retórica; contudo, Sócrates repete sempre que “nada é mau voluntariamente”. Se o mau se desvia do Bem, é porque o ignora; basta, portanto, esclarecer-lhe para que, guiado por um saber iluminador, ele se separe desse mal que era apenas a paga de sua ignorância.

Aqui começa a arraigar-se a ideia segundo a qual *omnis peccans est ignorans* [todo pecador é ignorante], ideia que se acharia em Descartes, para quem bastará julgar bem para fazer bem. Kant virá a adotar por um tempo o mesmo ponto de vista, pensando que uma boa pedagogia e uma boa política devem conseguir livrar os homens dos males que sofrem e que são da competência de uma terapêutica dispensada por um saber corretamente aplicado. Mas, logo em seguida, ele virá, enfim, a abandonar este otimismo que equivale a pensar que a salvação pode

ser produzida pelas obras, daí chegando a considerar o “mal radical” que muitos jamais lhe perdoaram.

Kierkegaard muito admirava a Sócrates, mas repreendeu-lhe este otimismo do saber, totalmente indiferente ao problema da tentação e do mal radical. Encontramos em São Paulo (Romanos 7) uma célebre passagem que Racine admiravelmente traduziu em um de seus *Cânticos espirituais*:

*“Ai! min’h alma contra mim clama,  
Onde encontrarei a paz?  
Quero, e meu querer se liquefaz:  
Ela quer; mas ó miserável lama!  
Sem fazer o bem que ama,  
É o mal que odeio que faz.” (Trad. Marcelo Consentino)*

O helenismo deixou de lado todo um aspecto da condição humana, tamanha sua confiança no homem e nos recursos do conhecimento. Encontraremos prolongamentos modernos de seu ponto de vista nesses pelagianismos tecnicistas para os quais o mal se reduz a uma doença que é da competência de técnicas salvadoras capazes de exercer sua eficácia no domínio econômico, social, político e pedagógico. Daí, provêm aquelas histerias que tomam os salvamentos por Salvação, que reduzem a Miséria à pobreza e que pensam somente em termos de bens a adquirir ou distribuir.

4. A identificação possível do homem com Deus, graças a um saber que permite desvelar a verdade oculta e de vê-la de frente, está no ponto de partida das autodivinizações do homem que secularizará a ideia de Deus, para afirmar com Feuerbach que “não há outro deus para o homem, senão o próprio homem”. Tais deificações da humanidade foram reforçadas pelos sociologismos que levam a uma antropologização implícita do Messias, a uma socialização de Deus e a uma divinização do coletivo. Por razões publicitárias, políticas e epistemológicas, afirma-se de bom grado hoje em dia, segundo e em seguida a Diderot, que “a vontade geral não erra jamais” e que milhões de pessoas não podem enganar-se. Tanto é assim que estes universais modernos que são a Sociedade, a Humanidade, a Raça, o Partido, a Classe, o Plano etc. tornaram-se novos Moloques aos quais os homens são sacrificados nos altares da Economia, da Ciência, da Técnica e do Progresso.



Como bem salientou Kierkegaard, Cristo se dirigia a todos, mas nunca à multidão, pois a multidão grita sempre, e agora mais do que nunca: “Viva Barrabás!”. Kierkegaard especifica justamente que o homem é o único ser vivo do qual se pode dizer que o indivíduo vale mais do que a espécie. Não se trata aí de apelo a um egoísmo insuportável, mas de afirmação inspirada pela parábola da ovelha perdida. Hoje, ninguém se importa com a ovelha perdida; os guias profissionais só se interessam pelo rebanho. Eles afirmam que o rebanho precisa do pastor, quando, na realidade, são nossos modernos pastores que precisam do rebanho.

5. Tal é a razão pela qual se pode opor o helenismo e o cristianismo em outro ponto essencial, como já o fez de modo notável Anders Nygren. O amor (Eros), caro à filosofia grega, nada tem a ver com o amor (ágape) de que nos falam as Escrituras. No Banquete, Platão nos explica claramente que o amor se dirige não a pessoas, mas a qualidades, das quais estas são as depositárias; segundo ele, ama-se alguém por causa de sua beleza, sua inteligência etc. Mas, como dirá mais tarde Pascal, se alguém me ama por causa de minha beleza ou de minha inteligência, será mesmo que me ama? Não, pois a doença pode fazer desaparecer estas qualidades sem matar a pessoa. O amor descrito por Platão é um amor essencialmente desencarnador que não vê no outro nada além de um suporte, convenientemente tido como efêmero, para dádivas preciosas.

A ágape cristã nada tem a ver com um amor desses; Jesus não ama alguém por este ser amável; o amor que ele lhe traz é um amor-dádiva, um amor gratuito. Como escreve santa Teresa d'Ávila em um belíssimo poema místico onde ela canta o amor divino:

*“O nada, tu unes ao ser infinito  
E, sem escamoteá-lo, tu o transformas;  
Nele nada achando digno de seu amor, tu o amas.  
Por ti, nosso nada vira grandeza”.*

6. Somos, assim, levados a sublinhar uma nova diferença radical entre o helenismo e o cristianismo. Em grego, não existe palavra que permita traduzir exatamente a palavra “pessoa”. A filosofia grega reflete sobre o indivíduo enquanto pertencente a um todo que o engloba, quer este todo se chame a Natureza, quer se chame a Cidade. A física estuda as relações dos indivíduos entre si e as relações

que os ligam aos diferentes conjuntos dos quais fazem parte; por isso, a física aristotélica, assim como a lógica do mesmo filósofo, baseia-se em classificações. Quanto à moral e à política, elas estudam as relações que devem unir os cidadãos, na medida em que cada um pertence a um grupo social definido por uma língua, deuses, monumentos e história. A noção de pessoa, noção eminentemente cristã, não está no princípio das considerações sobre a parte e o todo. A pessoa é da incumbência do sagrado, pois ela carrega em si a assinatura da criação, a imagem de Deus segundo a qual ela foi criada. Quem diz pessoa não diz, portanto, somente leis físicas ou jurídicas, mas respeito e amor, ideias absolutamente desconhecidas dos gregos. Que Jesus tenha dito ao bom ladrão com o qual, e não apenas ao lado do qual, ele morreu, que eles se encontrariam no reino do Pai, era ininteligível para um grego.

7. Atenas e Jerusalém diferem profundamente em outro ponto que Lev Chestov destacou com muita propriedade. Entre os gregos, os próprios deuses são submetidos às leis inexoráveis do Destino, que são impotentes para mudar; então, existem acima deles forças com as quais devem contar e às quais não podem opor-se; encontrar-se-á a mesma ideia no nível da ética, quando, no Eutífron de Platão, Sócrates diz que o santo não é santo porque os deuses o amam, mas que é precisamente porque o santo é santo que os deuses o amam. Uma ideia vizinha, herdada do helenismo, reaparece nos teólogos da Idade Média que afirmavam que a onipotência de Deus não podia, todavia, fazer com que aquilo que havia sido não houvesse sido. Mais tarde, Leibniz racionalizará tal posição, submetendo o teológico a uma espécie de Lógica absoluta: Deus não pode fazer que  $2 + 2$  não sejam 4, ele não pode criar vales sem criar, ao mesmo tempo, montanhas; Leibniz chega até a dizer que Deus não é o autor de seu próprio entendimento. Assim, ele tomou explicitamente o contrapé do ponto de vista de Descartes, segundo o qual Deus era o livre autor das verdades eternas: Deus poderia ter feito com que  $2 + 2$  não dessem 4, ele teria, pois, criado um mundo diferente e nos teria dotado de um entendimento pelo qual tal proposição fosse verdadeira; Descartes se recusa a sujeitar Deus às leis de um Estige, por mais que fossem de essência racional.

Como o sublinha justamente Lev Chestov, em seu brilhante *Athènes et Jérusalem* (1937), as Escrituras nos mostram que Deus pode fazer que o que foi não houvesse sido: o Senhor dá a Jó todos os filhos e todos os bens que tinha perdido; Jesus ressuscita a Lázaro. Para Deus, não há tempo irreversível, nem

Verdade transcendente à qual ele próprio estaria submetido; a Ressurreição e a Redenção triunfam sobre o tempo, ou seja, triunfam enfim sobre a morte. À luz de Occam, Lutero, Pascal, Kierkegaard e Dostoiévski, Chestov mostra que a Bíblia nos ensina que nada é impossível para Deus.

Se isto nos permanece ininteligível, é precisamente porque somente os ídolos que forjamos nos são compreensíveis, pois eles só repetem aquilo que nós lhes ensinamos; por isso, nós os preferimos à Palavra de Deus: “O saber não liberta o homem, mas o torna escravo, entregando-o ao poder de verdades tão invencíveis quanto o Estige e tão petrificantes quanto o Estige. É somente ao superar em si a soberba (não o orgulho, mas o falso orgulho) — *bellua qua non occisa homo non potest vivere* [essa besta-fera com a qual, enquanto não for morta, o homem não consegue viver] — que o homem adquire a fé que desperta seu espírito adormecido. É o que significa a sola fide de Lutero. Ele, assim como Pascal, vem na linha direta de Tertuliano, que tinha renegado todos nossos *puget, ineptum, impossibile*, e de Pedro Damiano, que, seguindo as Escrituras, teve a audácia de ver na *cupiditas scientiae*, na avidez com a qual nossa razão aspira às verdades gerais e necessárias (isto é, tão inexoráveis quanto o Estige), a fonte de todos os males e de todos os horrores da vida terrena”. Assim, Kierkegaard, para quem a fé ultrapassa todas as evidências, deixa o professor Hegel para ir até Jó e para afirmar que o começo da filosofia não é o espanto, como não cessavam de dizer Platão e Aristóteles, mas, sim, o desespero. Deus triunfa sobre tudo, não por simples poder, mas por amor.

8. É por esta razão que os gregos permaneceram profundamente estranhos à ideia de Criação. O Deus grego é um Demiurgo, um arquiteto que trabalha uma matéria já existente e que a organiza segundo finalidades múltiplas. É por isso que se acha em Aristóteles o esboço de uma filosofia da técnica, ou mesmo de uma filosofia do progresso, pontos que foram muito pouco destacados.

Aristóteles critica, de fato, seu mestre Platão, para quem o homem permanecia o mais desfavorecido dos seres vivos; Aristóteles insiste nesta ideia de que o homem tem sobre os animais o privilégio exclusivo de possuir uma mão que a natureza lhe deu, pois ele era o mais inteligente dos seres. Ora, esta mão lhe permite exercer funções múltiplas: pegar, apertar, modelar, tirar, empurrar — em suma, apropriar-se da natureza para vencê-la e modificá-la; por isso, Aristóteles diz que a mão é “a ferramenta das ferramentas”. Vê-se aí um ponto de vista essencial e novo, pois todos os instrumentos, todas as futuras máquinas, não serão nada

além de projeções orgânicas da mão humana, à qual elas darão funções e poderes amplificados, tão ricos que Descartes nos convidará a “nos tornarmos como senhores e donos da natureza”.

Sendo assim, Aristóteles não vê mais no tempo o que leva todas as coisas rumo à decadência e rumo à morte, ideia familiar aos gregos, que sempre ligavam o devir e a corrupção; com Aristóteles, o tempo se torna o “benévolo auxiliar” das ações humanas, e o Estagirita insiste até mesmo na ideia de que nossas obras vêm se juntar àquelas de nossos predecessores, que, por sua vez, as completarão. O tempo, portanto, não é mais o que desfaz o homem, mas, sim, o que o faz, à sua maneira sendo ele também um demiurgo.

Esta linha de força, que, repetimos, tem sua fonte no aristotelismo, conduz aos prestígios do fazer e à ideia de uma salvação pelas obras, à qual nos submetem hoje todas as tiranias. As aplicações da técnica tornaram-se tão espetaculares e tão tentaculares que pensamos cada vez mais que tudo depende do fazer e que o ser nada mais é do que a soma de suas ações. A pergunta: “O que se deve fazer?” transformou-se não no signo de uma preocupação com a eficácia, mas na marca de uma preguiça intelectual profunda; ela nos leva, com efeito, a pensar que tudo depende de reparadores especializados aos quais resta apenas confiar a nós próprios, pois eles sabem o que deve ser feito. Nós pensamos em termos de “panes” e de “consertos”, esperando passivamente que técnicos habilitados nos consertem psicologicamente, socialmente, economicamente, existencialmente, ontologicamente.

É por isso que nos lançamos nas mãos dos pilotos do tempo e dos engenheiros da história. Em todos os domínios, esperamos que se nos deem receitas acompanhadas de suas instruções. Vê-se aí uma atitude essencialmente pagã que investe o saber e o poder de virtudes mágicas salvadoras.

Isto não deve, naturalmente, nos levar a concluir que não devemos fazer nada; devemos somente compreender que, se a ação é necessária, ele não é suficiente e, muitas vezes, permanece até mesmo irrisória. A grande poetisa Marceline Desbordes-Valmore relata um drama em termos bastante simples: “Ele não amava. Eu amava”. O que fazer num caso parecido? Não há nada a fazer; o homem não tem o poder de fazer nascer no coração do outro um amor que ali não se encontra. O que fazer a alguém que chora a morte de um pai ou amigo, que se desespera no remorso aonde o afunda a lembrança de um erro cometido? Não há nada a fazer. Tais situações-limites não são da competência de nenhuma terapêutica

humana, e tanto o saber quanto o fazer não podem constatar nada além de sua impotência fundamental diante da Graça e do Amor.

No fundo, um dos primeiros idólatras do fazer foi Simão Mago, que estava disposto a pagar para que lhe ensinassem a “fazer” milagres; ele estava em busca da receita, do “truque” supremo, e esperava que alguém competente lhe transmitisse o saber adequado. Hoje, o *homo technicus*, herdeiro direto da promessa e do programa: “Vós sereis como deuses”, é ao mesmo tempo o Prometeu e o Sísifo do fazer. Nós podemos e devemos curar doenças de ordem física, econômica ou social, mas não podemos curar a própria existência: não há nada a fazer para nos curar da vida.

Entre os gregos, o prestígio do fazer não se encontrava no cerne de uma técnica ainda balbuciente e deveras elementar, na medida em que ela desconhecia os procedimentos que permitissem desencadear a energia, acumulá-la e transportá-la, na medida em que ela desconhecia o motor; porém, tal prestígio coroa tudo que diz respeito à escatologia na mitologia grega. Um ensinamento mais ou menos secreto tinha, de fato, por pretensão dar a conhecer ao vivo qual deveria ser a sua conduta após a morte, quando entrasse no Reino do Além, devendo-se deixar guiar pelos espíritos psicopompos.

*Em conclusão*, poderíamos dizer que, se muitos teólogos e filósofos pensaram o cristianismo a partir de moldes intelectuais legados pelos filósofos gregos, assim também, muitas vezes, conceitualizaram e sistematizaram o cristianismo, secularizando-o. Na medida em que o cristianismo traz a Mensagem da Revelação pelas Escrituras e pela Encarnação, ele fala ao mundo e no mundo, mas não com a voz do mundo. Não obstante, o mundo quer dar sua revanche, ao mesmo tempo que, por não recusar pura e simplesmente o cristianismo, tenta domesticá-lo. Neste sentido, o pensamento grego lhe foi útil, mas ele não viu que a Revelação cristã não tinha nada a ver com um desvelamento da Verdade.

A essência da história e da ação, programadas pelo Desejo do homem de refazer o Éden, pode ser condensada nesta fórmula: retiramo-nos rumo a, para esquecermos que fomos retirados de. Retirado do Paraíso, o homem quis dar sua revanche, buscando retirar-se para o Paraíso. É por isso que nós nos empenhamos em angelizar as partidas ao grito de “*Marchons ! Marchons !*”,<sup>1</sup> pois entendemos

---

<sup>1</sup>“Marchemos! Marchemos!”, alusão a verso do refrão d’*A Marselhesa*, o hino nacional da França. [N. do T.]

cada partida como o começo de uma realizadora marcha adiante, plena de promessas salvadoras. Esquecemos, pois, que estas partidas são igualmente egressões ou saídas de... É assim que o homem constrói estradas de todo tipo, a fim de fazer da história a via real rumo ao que está para além da própria história; em outras palavras, exigimos à história que nos livre da própria história e nos conduza ao seu “fim”, invocado como o termo que executará a síntese dos contraditórios e porá termo a todas as alienações. Nem o templo de Delfo nem os Mistérios de Elêusis poderiam nos ensinar os meios de construir essa Jerusalém celestial que nossas mãos humanas são incapazes de edificar.

Traduzido por Djair Dias Filho.

\* Originalmente publicado como “Hellénisme et Christianisme”,  
*Hokhma* 41 (1989), pp. 1-11.



Jean Brun

#### Sobre o autor

Foi professor na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Dijon.

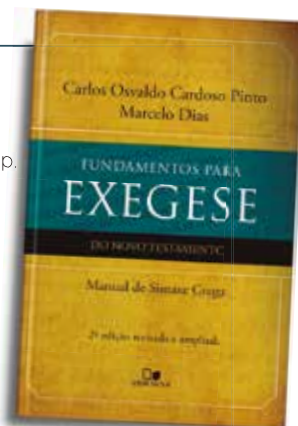


## Últimos lançamentos

### Fundamentos para exegese do NT - 2ª ed. manual de sintaxe grega

Carlos Osvaldo Cardoso e Marcelo Dias | 16x23 cm | 288 p.

Estudar as línguas originais é uma necessidade crescente numa época cheia de equívocos sobre a revelação de Deus. E estudar especificamente a sintaxe permite uma interpretação do texto bíblico muito superior àquela que se faz apenas com um domínio da morfologia ou ainda sem o auxílio das línguas originais.



### Lágrimas de esperança

a mensagem de Lamentações para a igreja de hoje

John McAlister | 14x21 cm | 96 p.

Nesta obra, John McAlister expõe, versículo a versículo, o relato de Jeremias acerca de um dos períodos mais tristes da história do povo de Deus e mostra como as palavras do profeta ainda ecoam até os dias de hoje. Ao longo deste livro, somos levados a entender que a esperança, e não o desespero, é a mensagem central de Lamentações.

### Lendo a Bíblia livro por livro

um guia rápido de estudo panorâmico da Bíblia

Dr. William H. Marty e Dr. Boyd Seevers | 14x21 cm | 304 p.

Neste guia de fácil leitura, dois respeitados professores da Bíblia o ajudarão a entender cada um dos livros das Escrituras. Os autores partem de uma linguagem não acadêmica e vão direto ao cerne da questão, concentrando-se em duas perguntas essenciais: *O que a Bíblia diz?* e *Por que isso é importante?*

